Filmes que Eu Amo, III

Masterclass de História do Cinema

Sessão 18 – 28 de setembro de 2021 | PIQUENIQUE (1955)

1. CINEMAS, TVS E QUARENTENA

Ver um filme numa sala de cinema como já não há em Portugal era um prazer inesquecível. Desde a entrada numa sala como o Monumental, o Império, o Tivoli, o Alvalade, o São Luiz, o Eden ou o Condes até encontrar o lugar, conduzidos por um arrumador que nos facultava um programa, desde o abrir das cortinas até ao primeiro foco de luz que rompia pela sala e a rasgava transversalmente, tudo era magia. Não me lembro precisamente em que sala vi "Piquenique" pela primeira vez (em 1956 vivia eu em Portalegre, logo não o vi na estreia), mas recordo perfeitamente as emoções que tal filme me provocou, e não foram apenas as do próprio filme, que é belíssimo, de uma forte sensualidade, com uma actriz que eu muito apreciava, não só pela sua beleza, como também pelo seu talento (basta recordar "Vertigo"). Nas décadas de 50, 60 não perdia um filme de Kim Novak (bom, eu não perdia quase um filme, fosse ele qual fosse). Imaginem só os títulos em que ela entrou nesses anos, entre 1955 e 1965: "O Homem do Braço de Ouro", "Piquenique", "O Querido Joey", "A Mulher Que Viveu Duas Vezes", "Sortilégio de Amor", "A Meio da Noite", "Um Estranho na Minha Vida", "Pepe", "Notável Senhoria", "Servidão Humana", "Beija-me, Idiota", "A Vida Amorosa de Moll Flanders" ou "A Lenda de uma Estrela". Trabalhou com Alfred Hitchcock, Billy Wilder, Robert Aldrich, Joshue Logan, Otto Preminger, mas foi uma espécie de actriz fetiche de Richard Quine, um realizador um pouco esquecido e que tem comédias memoráveis e um melodrama admirável, "Um Estranho na Minha Vida".

Ver esses filmes todos em salas de cinema era pura magia, volto a frisar. Ver agora filmes em casa, na comodidade de uma poltrona, com um excelente televisor e magníficos DVDs ou Blu-rays é um outro tipo de prazer, com as suas vantagens. Sorte a minha que vi "Piquenique" e tantos milhares de outros filmes em tantas salas, e agora posso ver o mesmo "Piquenique" (e tantos milhares de outros filmes!) no conforto de minha casa, revendo-o quando quero, e o que quero.

Infelizmente, com as minhas actuais dificuldades de locomoção (uma coluna toda estropiada e um cóccix partido em dois lados não dão muitas hipóteses de longas viagens, nem sequer curtas!), os DVDs e os Blu-rays são uma companhia abençoada. A que se veio juntar ainda agora esta maldição do Coronavírus, que nos obriga a uma quarentena forçada (para a qual eu já andava há dois ou três anos em preparativos, ainda que com pequenas viagens que sempre iam amenizando a angústia). Fiquem em casa é a recomendação, que tenho seguido à risca, vocês saberão, quando lerem este texto, se com resultados visíveis ou não.

Com quarentena ou não, em sala de cinema ou na TV, ver "Piquenique" é uma forma de respirar ar puro (?) e deixar-se levar pelo abraço de Kim Novak (ou se preferirem, de William Holden).

2. PIQUENIQUE

Hal Carter (William Holden) viaja à boleia numa carruagem de um comboio de carga e desce numa pequena cidade do Kansas, para visitar um amigo dos tempos da faculdade, Alan Benson (Cliff Robertson). Ambos foram amigos nesse tempo, mas um seguiu os conselhos da família e tornou-se num herdeiro abastado, enquanto o outro anda à deriva em busca da aventura. A cidadezinha é pequena, daquelas onde todos se conhecem, e que prefiguram um microcosmo social que dá para perceber as características da condição humana. Parece ser essa a ideia da peça teatral de William Inge que Daniel Taradash adapta a argumento de cinema e Joshua Logan realiza. Hal Carter começa por ser bem recebido pelas famílias da região. Uma velhota aceita o seu trabalho, e, na casa do lado, Flo Owens (Betty Field) e as duas filhas, a mais velha, Madge Owens (Kim Novak), e a mais nova, Millie Owens (Susan Strasberg), não ficam indiferentes à presença deste estranho. Aliás o tema do "estranho (ou estranha) na cidade" que vem desencadear um conjunto de reacções e precipitar acontecimentos, pondo a descoberto traumas e frustrações recalcadas, é um assunto bastante glosado em literatura, teatro e cinema. No dia seguinte à chegada de Hal, comemora-se o dia do trabalhador, à americana, com piquenique e festança, baile e animação pela noite dentro. Madge Owens, que vai ser eleita a rainha das festividades, está prometida a Alan Benson, mas tudo parece um arranjo de ocasião sem amor de permeio. Já Miss Rosemary Sydney (Rosalind Russell), uma tia solteirona desesperadamente à procura de marido, não despega do tímido e perplexo Howard Bevans (Arthur O'Connell), que ela jurou levar ao altar. As desilusões e o desejo não satisfeito levam Rosemary Sydney ao desespero e a tomar atitudes menos convenientes, numa noite de muito álcool e pouco discernimento. O que acarreta um conjunto de situações que destroem a aparente calma da cidadezinha.

O filme foi rodado em Halstead, no Kansas, bem no centro dos EUA, e Tulsa, no Oklahoma, é um destino de liberdade. O comboio atravessa a cidade e tem Tulsa como meta. Haverá quem parta com esse destino, sem saber o que lhe reserva o futuro, mas com o desejo de precipitar a aventura? Na própria família Owens há um pouco de tudo, a cautelosa mãe, que quer assegurar o futuro da filha mais velha com o casamento com Alan Benson, a filha mais jovem, rebelde e relegada para segundo plano pela beleza da irmã, e Maggie, o centro das atenções, que oscila entre o casamento seguro e a aventura sem garantia alguma. O filme parece jogar nesta última opção, apostando numa paragem de autocarro que pode trazer a felicidade… ou a desilusão. Mas a certeza de não ter perdido a oportunidade.

William Holden é o herói romântico desta história de um dia do trabalhador, e Kim Novak a rainha do cortejo ao longo do rio. Ambos se entendem às mil maravilhas e a cena de baile, numa plataforma erguida sobre as águas do rio, com os balões da festa a iluminar-lhes os olhos, é seguramente das mais belas sequências de sedução da história do cinema. Os olhares, os gestos, as mãos que se agarram, os braços que deslizam, a música que embala, o álcool que enlouquece, a volúpia do ambiente que se torna cada vez mais escaldante, fazem deste momento um instante cinematográfico inesquecível. Joshua Logan foi aqui tocado pela magia e os actores ajudam - e de que maneira! Mas se esta dupla é brilhante, não será menos de destacar o casal Rosalind Russell e Arthur O'Connell, que são notáveis, sem a sensualidade dos verdes anos, com as agruras do tempo a deixar marcas, mas a permitir o persistir da esperança.

O filme teve seis nomeações para os Oscars de 1956: Melhor Filme (produtor Fred Kohlmar), Melhor Realizador (Joshua Logan), Melhor Actor Secundário (O'Connell), Melhor Montagem (Charles Nelson, William A. Lyon), Melhor Direcção Artística (William Flannery, Jo Mielziner, Robert Priestley) e Melhor Música (George Duning). Ganhou dois: Melhor Montagem e Direcção Artística.

PIQUENIQUE

Título original: Picnic

Realização: Joshua Logan (EUA, 1955); Argumento: Daniel Taradash, segundo peça teatral de William Inge; Produção: Fred Kohlmar; Música: George Duning; Fotografia (cor): James Wong Howe; Montagem: William A. Lyon, Charles Nelson; Design de produção: Jo Mielziner; Direcção artística: William Flannery; Decoração: Robert Priestley; Guarda-roupa: Jean Louis; Maquilhagem: Clay Campbell, Helen Hunt, Robert J. Schiffer; Assistentes de realização: Carter De Haven Jr.; Som: George Cooper, John P. Livadary; Coreografia: Miriam Nelson; Companhia de produção: Columbia Pictures Corporation; **Intérpretes:** William Holden (Hal Carter), Kim Novak (Madge Owens), Betty Field (Flo Owens), Susan Strasberg (Millie Owens), Cliff Robertson (Alan Benson), Arthur O'Connell (Howard Bevans), Verna Felton (Helen Potts), Reta Shaw (Irma Kronkite), Rosalind Russell (Miss Rosemary Sydney), Nick Adams, Raymond Bailey, Elizabeth Wilson, Warren Frederick Adams, Carle E. Baker, George E. Bemis, Steve Benton, Harold A. Beyer, Paul R. Cochran, Adlai Zeph Fisher, Don C. Harvey, Flomanita Jackson, Shirley Knight, Phyllis Newman, Henry Pagueo, Harry Sherman Schall, Floyd Steinbeck, Wayne R. Sullivan, Henry P. Watson, Abraham Weinlood, etc. **Duração:** 115 minutos; Distribuição em Portugal: Columbia Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 5 de Abril de 1956.